

8-1-1954
MICROSCÓPIO

PANACÉIA

Raul Pilla

CONTRARIAMENTE ao que diz a grande fôlha paulista, não é panacéia o que os parlamentaristas oferecem com a sua reforma. Indicam apenas um remédio político para males essencialmente e originariamente políticos. Para corrigir o desgoverno, que cada vez mais se agrava, para estabelecer a responsabilidade que cada dia mais se esvai, propõem simplesmente um novo método de governo, que a todo momento solicita o senso de responsabilidade de todos os cidadãos, desde o mais humilde eleitor até o mais poderoso ministro. Longe de ser panacéia, isto é, remédio capaz de curar indistintamente todos os males, é medicação específica, racional e comprovadamente eficaz.

Mas, não sendo, nem querendo ser panacéia, tão amplos e profundos poderão ser os seus efeitos, que a panacéia real, e não imaginária, se poderia ela comparar. Extendendo-se aos mais variados campos da atividade social a ação deletéria do nosso crônico desgoverno, a supressão da causa mórbida poderá fazer-se sentir nos mais diversos setores da vida nacional, do econômico ao moral, do financeiro ao social.

Tal é, a título de comparação, o caso da sífilis na patologia humana. Proteiformes são as suas manifestações: variam de caso para caso e no mesmo individuo se verificam ao mesmo tempo em órgãos e aparelhos diversos. Doentes há que parecem compêndios de patologia. Por isto, o aparecimento de novos e poderosos medicamentos específicos, capazes de aniquilar o agente mórbido, pode ter dado a impressão de panacéia, pois aparentavam curar tudo. Trata-se, porém, de simples remédios específicos. O que eles curam, em verdade, é a sífilis, isto é, o mal que está no fundo dos outros males.

Permita, pois, o «Estado de São Paulo» lhe digamos que errada está a sua classificação terapêutica: a reforma parlamentarista não é panacéia; é, sim, remédio específico para os males que o presidencialismo gerou neste País.